



## 2ª Sessão

10 de abril de 2002

sinopse por Andréa Naccache

Duas questões, feitas a Jorge Forbes em circunstâncias diversas durante a semana, trouxeram o mesmo conteúdo. Foram elogios à sessão passada que adoçavam a indagação: "por que, ao final, comentar trabalhos de colegas aqui de São Paulo?". Noutras palavras, disseram: "você está acima disso, é superior a esse tipo de coisa, deixe que cada um faça o seu".

Forbes detém-se na expressão "superior". Superioridade, esclarece, não lhe vale para pensar sua posição. Parafraseia Chico Buarque: "o que eu quero é ser um analista popular brasileiro". Popular, como deve ser a psicanálise, que serve à clínica do cotidiano. Brasileiro, porque a psicanálise é atravessada pela língua. E responde: "minha posição não é de diletância – do cada um faz o seu –, é de militância".

Por isso, indica em quem a psicanálise o concerne. Numa vertente particular, é justamente em fazer do analisando "militante do seu desejo". Para Lacan "a única coisa da qual se pode ser culpado é de ter cedido de seu desejo" (Seminário VII, *A Ética da Psicanálise*, Ed. J. Zahar, 1997, p.385).

Forbes exemplifica o modo como o desafio de não ceder em seu desejo muitas vezes aparece na clínica: uma pessoa faz uma sessão e a acha fantástica, porque, em certo momento, descobre algo no garimpo de sua análise como uma pepita. Terminada a sessão, sai com sua pepita nas mãos, para mostrar ao mundo. Encontra um outro (parente, amigo, alguém) e mostra a descoberta. O outro olha, dá alguma atenção, mas... "não estou vendo nada". O analisando não convence, não consegue fazer passar, e enfrenta o susto do outro, que reage à maluquice do seu esforço em fazer ver o que... não era visível. No retorno ao analista, pede algo que o outro possa reconhecer. Mas uma análise não traz nada assim. É responsabilidade do analisando achar uma brecha no mundo e instaurar um caminho, uma passagem para a sua singularidade, tomando-a com um nome próprio. Está em Lacan, Seminário VII, quanto à arte: ela só existe se é vendida.

Ao mesmo tempo, de uma vertente geral importa a Forbes que a psicanálise aponte para a inevitável emergência do desejo num mundo que privilegia a homogeneização das preferências. É uma práxis que permite escapar à ideologia do fim da História (Fukuyama), ou à ortopedia das vontades na dita Nova Ordem Mundial, através da experiência do real sem sentido.

Forbes declara sua associação às posições assumidas por Jacques-Alain Miller a partir de agosto de 2001, quando, em reação a críticas feitas à psicanálise lacaniana por Gilbert Diatkine na *Revue Française de Psychanalyse*, Miller recorreu à opinião pública para reinscrever a psicanálise e resituar-se, através de suas *Cartas à Opinião Esclarecida*.

O cerne da acusação de Diatkine foi que a formação lacaniana é mais branda, porque tem base no princípio de que o analista se autoriza de si mesmo. Forbes contesta: isto

não implica que em quaisquer condições alguém possa se apresentar como psicanalista. Implica, sim, que a autorização não se dá pelo Outro (que, aliás, não existe) e não se trata de aguardar uma titulação, como no meio universitário. Lacan, ao formular o princípio, propôs que um analista se faz desde sua análise, relatada no Passe quando o sujeito é capaz de contar como chegou a este *si mesmo* que o autoriza, a esta sua parte mais íntima e rigorosamente estranha – chamada por Lacan *extimidade*.

Pela reação explosiva de Miller nas *Cartas*, houve igualmente quem o criticasse: “você, Miller, é superior a isso”. Mas o momento presente é de transparência (Glasnost) – diz Forbes. Então, é perigoso crer-se superior a “isso”. O analista tem que responder por sua práxis à população.

Sobre o seminário anterior, Forbes também foi indagado se a noção de limite do sentido teria a ver com a idéia de que às vezes “um charuto é apenas um charuto”. Sim. A psicanálise lacaniana não é um processo de “compreender sempre mais”. Ao contrário, sustenta a incompreensão e a diferença.

A tal ponto que a psiquiatria biológica atual, pela suposta imediatez de seus resultados terapêuticos quando substitui as ficções freudianas por medições estatísticas, serve, hoje, antes para uma crítica à análise geradora infindável de sentidos, que à psicanálise lacaniana.

Por isso, Forbes reconhece Giovanetti e Berlinck também como militantes da psicanálise. Enfrentam, cada um deles, o grande desafio atual aos psicanalistas: contrapor-se a essa forte tendência, progressiva, de cooptação do fator humano pelo ponto de vista da *physis*, a natureza. Trata-se de mostrar o outro lado, rechaçar a redução do psiquismo a um equilíbrio metabólico, bioquímico. O que está em jogo é uma batalha ética sobre concepções do homem.

Uma terceira questão comentada por Forbes versava sobre o último ensino de Lacan. Seria o abandono do diagnóstico estrutural? A resposta foi negativa: o diagnóstico serve justamente para encontrar os pontos de fenda, em que o sujeito não se apresenta tal e qual a estrutura. Pois “o neurótico é um mentiroso”: mente sobre o conflito fundamental do humano, que o faz estar mal na civilização. Ele mantém um sentido preguiçoso, assentado na estrutura prêt-à-porter, e resolve-se com uma resposta padrão. Assim, os neuróticos são iguais e solidários. É preciso desconcertar a resposta neurótica para fazer aflorar a diferença. Para o “normal” a que se orienta a psicanálise não há padrão. O ato criativo é um exemplo da normalidade.

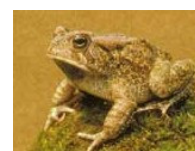
A propósito, a psicanálise constata que “todos deliramos”: a base da epistemologia de Freud é o descompasso entre o homem e o mundo. Logo, qualquer forma de estabelecer uma ponte entre ambos é uma mentira. E são três as mentiras reconhecidas no diagnóstico estrutural, a partir das quais é possível trabalhar: a obsessiva sustenta um “já tenho tudo”, que aplaina o desejo; a histérica também parte do princípio de “ter tudo”, mas pelo viés da insatisfação (“a satisfação virá, terei tudo”); e a perversa é a mentira estatal, oficial, inalisável (“o mundo, sou eu”).

Enfim, há o psicótico, que não é mentiroso. Não constrói uma falsa harmonia mas sofre na verdade da ruptura (Forbes faz menção ao texto “A perda da realidade na neurose e na psicose” de 1924, em que Freud já não aceitava “realidades mais ou menos adaptadas”).

Conclui: a primeira clínica tem importância, tanto mais porque conduz aos pontos de inflexão nos quais o analista pode operar para fazer com que a pessoa saia de seu sentido mentiroso e seja levada ao sentido não garantido no Édipo, a *certeza* (que é diferente da verdade).

Houve o tempo da interpretação feita pelo analista na clave do Édipo. Hoje é o analisando quem interpreta. O analisando deve sustentar a radicalidade da diferença que se mostra a cada conclusão alcançada antes do tempo idealizado como total.

Afinal, se o homem está disjuncto da civilização, sua certeza será sempre anterior a uma compreensão total. Será sempre precipitada e, portanto, não garantida. Com Lacan: todo juízo é essencialmente um ato, toma o corpo e tem conseqüências. A decisão requer um



“pôr a cara para bater” – diz Forbes – porque a pessoa conclui e só depois vai procurar as razões.

Isto faz da psicanálise o tratamento do futuro, e não do passado. Da autorização do futuro, e não da memória. Na medida em que suspende a garantia da mentira, permite sair do blá-blá-blá – do prêt-à-porter que não diz nada – e conduz à consequência. Ela retira o que se interpõe para impedir a decisão.

E como fazer uma conclusão precipitada? A tese de Lacan é que a lógica da sessão analítica inclui o tempo no seu raciocínio, então ele propõe o corte nas sessões. O erro de tempo, a quem fala, é um erro de conclusão.

Esta sua proposta foi a antecipação de uma mudança de época: nosso mundo, agora, pede a conclusão precipitada. O dito “stress” é fruto da infinitude de opções que se apresentam com a queda dos “limites naturais”, dos parâmetros. Sua cura está na possibilidade de concluir precipitadamente.

Forbes nota que os analisandos de lacanianos compreendem a variabilidade do tempo da sessão. Isto acontece quando se vai além da empatia, quando as sessões mostram que um tropeço se dá na “pedra no meio do caminho”, de Drummond. Daí o espanto de Lacan: como é possível trabalhar com o tempo cronológico? Como arriscar errar o tempo de uma conclusão precipitada? Forbes encerra com Vandré: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

